

OS LABIRINTOS DO DESEJO: desenhando uma metodologia anarcoqueer

THE LABYRINTH OF DESIRE: an approach to an anarcho-queer methodology

Adriano de León

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

Este texto propõe um debate acerca das metodologias usuais em Ciências Sociais e seu emprego no território das sexualidades queer. A partir de uma aproximação das teses queer com o anarquismo, o fundamento do debate recai sobre as principais teorias do desejo. Com base na visão das identidades queer como nômades, como o desejo como um fluxo sem direção, eu proponho uma metodologia diferenciada para a investigação do campo queer.

Palavras-chave: investigação, cartografia anarcoqueer, metodologia anarquista, desejo.

Abstract

The purpose of this text is to improve a debate upon the usual methodologies in Social Sciences in the field of queer sexualities. From an approach of queer main thesis with anarchism, the basis of the discussion goes towards the desire theories. Based upon queer identities as nomads ones, and desire as a spread outflow, I propose a differentiated methodology to research on queer field work.

Keywords: research, anarcho-queer cartography, anarchist methodology, desire.

A gente não sabe o lugar certo de colocar o desejo.
Caetano Veloso, *Pecado Original*.

Queer e anarquismo

É possível e desejável viver sem regras, autoritarismos e relações de dominação? Esta pergunta e as tentativas de respondê-la me conduzem a pensar a Teoria Queer como uma analítica anarquista da sexualidade.

Acerca do tema em tela, pensadores como Edward Carpenter, Herbert Marcuse, Wilhelm Reich, A.S. Neil e Emma Goldman¹ tentaram discutir o anarquismo e as liberdades sexuais. O que há em comum nos escritos destes autores é a ideia da liberação sexual como aspecto crucial das liberdades humanas. A sexualidade está marcada quase sempre por uma economia das proibições. Este sistema se fundamenta não no silenciar sobre a sexualidade, mas discursar sobre ela, não livremente, mas a partir de dispositivos de controle, regramento, ordem e disciplina². A força que detém tais formulações é tamanha que mesmo os discursos que se apresentam como liberais ou mesmo libertários estariam regidos por esse mesmo padrão de disciplina da sexualidade. Regras de etiqueta sexual, manuais de conduta sexual, folhetins, coleções, enciclopédias e toda a sorte de tantas publicações apenas reafirmam a política de conduta sexual dos modernos. Uma conduta baseada no cerco às sexualidades que fogem do âmbito da heteronormalidade, às quais prefiro chamar de sexualidades sinuosas.

A sexualidade é o alvo principal dos mecanismos de controle e disciplinamento. Estas formas de controle são orquestradas através daquilo que M. Foucault chama de dispositivo. Os discursos sobre o sexo são uma forma de racionalidade canalizada por instituições, regulamentos, projetos arquitetônicos, medidas administrativas, leis ordinárias, discursos científicos e arranjos filosóficos e morais. É uma teia que articula vários elementos heterogêneos dispersos que inventam, reajustam e modificam constantemente a racionalidade sobre o que se pode e se deve dizer e praticar em termos de sexualidade. Desde tratados mais científicos até revistas para adolescentes,

¹ E. Carpenter, poeta inglês do início do século XX, defendia a liberação sexual como cura para as neuroses da civilização. H. Marcuse lida com a ideia de que a civilização é regida pelo princípio da destruição que inibe as liberdades, principalmente no seu princípio erótico-criativo. W. Reich trabalha com o princípio das couraças sexuais produzidas pela sociedade moderna. A.S. Neil, educador escocês, ao criar a famosa escola Summerhill, introduziu a educação sexual nesta escola como forma de combater os valores puritanos e a repressão sexual. Emma Goldman, ativista anarquista, considerada uma das mentoras do anarcofeminismo, era tida como “a mulher mais perigosa da América”, pelos idos dos anos 1930 nos Estados Unidos.

² O que Michel Foucault chama de “jogos de verdade”.

o tema sexualidade é sempre descrito através de regras, fórmulas do prazer, dentro de certa padronização criada a partir do usual binarismo feminino ou masculino. Sob essa ótica, não haveria dominação *a priori*, mas apenas estratégias de dominação ecoadas por agentes produtores de uma ordem moral que produz sujeitos, que, por sua vez, reproduzirão essa teia discursiva. Mas como toda teia é aberta e sempre está por se fazer, a sexualidade sempre escapa dos grilhões da disciplina.

A sexualidade é quase sempre algo a ser confessado. Nos rituais de pré-casamento – as brincadeiras para as mulheres, a despedida da vida de solteiro para os homens –, entre os goles de bebida, a sexualidade se expõe sob a forma de confissões abertas ao ciclo de amigas e amigos. Nesta carnavalesação, o objetivo é chegar ao altar sem os vícios que a suposta desregrada vida de solteiro teriam. O casamento, portanto, aponta para uma sexualidade a dois, sem lugar para terceiros, nos padrões morais sociais do ocidente cristão. Aliás, o casamento em sua vertente religiosa institui o sujeito-casal heteronormatizado, encerrado sobre a família que a partir desse ritual foi constituída. A família assim se transforma na potência da sexualidade regrada, medicalizada, observada e contida. A honra, a fidelidade, a indissolubilidade são valores que retiram do indivíduo solteiro quaisquer resquícios de uma sexualidade aberta ou solitária: masturbação, compulsão sexual, sexo livre ou qualquer forma de desvio de conduta na sexualidade. Quaisquer formas de sexualidade anárquica passam a ser consideradas um desvio de conduta.

Para garantir uma vida reta, sem vícios ou perversões, a família passa a deter mais um estatuto: a mútua vigilância. É esse tipo de controle que vai transformar a família num agente de vigilância entre as partes: crianças vigiadas pelos pais; pais vigilantes um ao outro; mais velhos em relação aos mais novos; homens em relação às mulheres; casados em relação a solteiros. Os saberes psiquiátricos se modulam em saberes psicanalíticos, criando explicações para incestos, atos de pedofilia, síndromes sexuais, tipologizações e patologizações de comportamentos sexuais considerados desviantes. É sobre a família que atua a maioria das instituições³. Nela se interpõem médicos, psiquiatras, pedagogos, psicanalistas, religiosos. Os manuais de puericultura, bem presentes no período pós-segunda guerra, eram dirigidos às mulheres nas escolas domésticas e nas de ensino do magistério. A partir deles se aprendia como cuidar dos filhos, do marido, do lar, como ser uma mãe vigilante, um pequeno receituário para as doenças mais comuns, regras de etiqueta, técnicas de cuidar dos bebês, higiene pessoal e da casa, técnicas de criação para meninos, técnicas de criação para meninas, culinária e economia doméstica. Nos rastros de M. Foucault,

³ Recomendo a leitura de Peter Gay (2001, 1988, 1995).

posso dizer que a família tornou-se uma instituição privilegiada para que se traçasse a linha divisória entre o que seria normal e patológico em relação à sexualidade. Pensamentos e corpos são estruturados segundo essa matriz de saberes sexuais presentes na família como “celula mater” da sociedade moderna. A normalização contemporânea do corpo se baseia nesta circulação diferenciada dos fluxos de sexualização⁴, que, para Foucault, seriam parte do dispositivo da sexualidade.

A teoria queer contemporânea possui três matrizes: a teoria pós-estruturalista, o feminismo e os grupos anarquistas ativistas. O legado pós-estruturalista diz respeito aos debates sobre o sujeito e os processos de subjetivação e assujeitamento e a negação de qualquer resquício de essencialismo como uma negação das teses da representação. Conceitos sagrados, como identidade, também são foco do debate pós-estruturalista, o qual aponta para uma multiplicidade identitária a partir da ênfase na diferença e não mais na semelhança. Lida, assim, não com estruturas, mas com o campo da significação de dada estrutura. O feminismo deixou claro, principalmente na sua vertente pós-feminista ou feminismo de terceira onda⁵, uma aproximação à ideia da diferença, mas não entre os sexos e sim entre o gênero.

O ativismo queer pode ser visto nos grupos como o AIDS Coalition to Unleash Power (ACT UP), que se vale de formas de organização e táticas políticas anarquistas⁶. O ACT UP age de forma não hierarquizada e pratica a desobediência civil a partir da formação de diversos grupos, chamados grupos de afinidades com cerca de 5 a 15 membros, que se reúnem em torno de um alvo comum.

Seus princípios têm por base a tomada de decisões por consenso, formas não hierárquicas de associação. Criticam a legitimidade dos sistemas de justiça do Estado, bem como quaisquer formas de dominação. Sua ênfase é na solidariedade. A ação política se baseia em zines, grafites, panfletos e propaganda criativa a partir de uma linguagem radicalmente transgressiva. Outros grupos ativistas como o Anarcha Queers Undermining (AQUA Authority, 1989), US and the Passion Brigade (1990), UK, HOMOCULT (1992) agem nesta mesma linha de pensamento. A política de ação desses grupos, principalmente os mais ligados às questões da sexualidade, criaram espaços nas principais cidades europeias denominados “queeruptions”⁷. Tais formas de ação são duramente criticadas pelas feministas marxistas, que acusam os queerupted de promover

⁴ No campo teórico de Beatriz Preciado (2011).

⁵ Conforme as ideias de Susan Bolotin descritas por Astrid Henry (2004).

⁶ Conforme Judith Butler (2004) e Judith Halberstam (1993).

⁷ A este respeito consultar o site disponível em: <<http://www.queeruption.org>> Acesso em: 15 Abr. 2011

apenas a transgressão sexual individual⁸, desprezar as teorias feministas e de gênero, negar o institucional⁹ e outras formas de engajamento.

A aproximação da teoria queer com a maioria das tendências anarquistas leva em conta alguns pressupostos. Dentre eles, podemos enfatizar a visão de estrutura e poder descentralizados, relacionais e produzidos pela ação humana, a rejeição de qualquer forma de essencialismo, a identidade como performance identitária, a rejeição a qualquer categoria de representação e a ênfase na diferença. Particularmente, o Estado é concebido como relação entre indivíduos, bem próximo da noção de máquina abstrata de Deleuze e Guattari¹⁰. Segundo esta ótica, o Estado é o mecanismo principal de controle de quaisquer formas de nomadismo. No caso em debate, as sexualidades nômades, as identidades nômades são duramente perseguidas e combatidas por controles sociais eficazes, oriundos de determinados discursos que se tornam consensuais ao longo do tempo, determinando regras, procedimentos e políticas de disciplinamento e restabelecimento da ordem moral. Drags espancadas, travestis mutilados, religiosos prometendo a cura da homossexualidade, médicos definindo o sexo dos nascidos intersex, escolas disciplinando o desejo, gays assassinados, swingers, boundages, SM escamoteando suas atuações, as máscaras da internet. Todos esses fenômenos são o quadro de controle e disciplina das sexualidades nômades, o que não tem juízo, nem nunca terá, o que não tem sentido.

As políticas de disciplinamento dessas sexualidades se reinventam a cada momento. A própria lógica da orientação sexual demonstra bem que há um sentido na sexualidade, mesmo que ela venha a fugir dos padrões convencionais. É bem verdade que já se pode se dizer gay, ou mesmo drag, ou talvez trans, mas desde que seja num padrão discutido, ampliado, publicizado e ordenado por tecnologias do desejo, que são estruturas de padronização de ação sexual. Define-se um gay como... A drag pode ser definida a partir de... Denominam-se travestis aqueles indivíduos que... Os modelos acadêmicos e reguladores tentam enquadrar os comportamentos para depois cercá-los. Programas televisivos com autoridades no assunto, livros e uma série sem fim de artigos científicos, sexólogos, médicos, psicólogos, sociólogos e toda uma gama de especialistas no tema sexualidade, na sua maioria, tentam definir comportamentos, instituir tipologias e modelos e explicar o diferente na tentativa de encontrar a essência dessa sexualidade desviante.

⁸ Segundo as feministas marxistas, esta liberação sexual individual seria conivente com o capitalismo.

⁹ Conforme Steven Seidman (1996).

¹⁰ Presente n' *O anti-Édipo*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari e n' *O inconsciente maquínico*, de Félix Guattari.

Queer e objetivação compulsória do desejo

A história da sexualidade está imbricada com a história da Psicanálise. A formulação do conceito de Édipo por Sigmund Freud, seguido das reelaborações de Jacques Lacan e da dupla Félix Guattari e Gilles Deleuze apontam para a construção da diferenciação sexual com base no desejo¹¹.

Não há consenso do que seria desejo nos vários campos dos saberes. Nem para este texto isto tem importância. A questão sobre o desejo apenas põe o guiso no gato sobre como foi instituída uma política de controle dos desejos e uma série de regulamentações sobre o que desejar, como e quem desejar. A maioria dos compêndios psicológicos e psiquiátricos que tratam do tema tenta enquadrar os desejos dentro de categorias do normal e do patológico. E mesmo publicações não científicas davam conta de controlar o desejo, principalmente o desejo das mulheres¹², dos solteiros, dos loucos e dos depravados.

No âmbito da releitura de Freud, Lacan retoma o tema do desejo no campo da linguagem. Para Lacan (1985), desejo é opacidade, é um “querer-ser ou faltar-ser”. O desejo, assim representado na linguagem, é ambivalente: deseja-se e ao mesmo tempo censura-se o desejo, notadamente quando ligado a sexualidades oblíquas. É esta ambivalência que vai ser alvo do controle. A partir da classificação dos desejos e sua patologização, desejar passou a ser algo vigiado, falado, discutido, conforme as regras que regem o desejo numa dada época. Desde a campanha antimasturbatória descrita por Foucault¹³, passando pelo tratado Krafft-Ebing, a *Psychopathia Sexualis*, até os atuais manuais psiquiátricos sobre as parafilias¹⁴ que descrevem as etiologias, as classificações das diferentes perversões, disfunções orgânicas, transtornos da identidade sexual, bem como os devidos procedimentos de conduta terapêutica. O desejo dentro do campo das perversões é doença, patologia e deve ser diagnosticado, tratado e na medida do possível, curado.

Em função disso, o desejo aparece como uma discrepância entre a necessidade biológica (as pulsões e instintos) e a demanda de algo que me falta e me completa, me sacia¹⁵. O desejo seria assim algo sempre dividido, segundo

¹¹ Os pós-estruturalistas Deleuze e Guattari, ao lado de Judith Butler vão tecer sérias críticas à Psicanálise pela sua configuração teórica heterossexual, com a noção de máquinas desejanças pelos primeiros e performance de gênero pela segunda.

¹² Alessandra El Far, com o texto *Romances para homens no século XIX*, descreve bem esse tipo de controle presente num tipo específico de literatura do final do XIX ao início do XX.

¹³ A este respeito ver Foucault (2005, 2010).

¹⁴ Parafilias ou perversões sexuais.

¹⁵ As afirmações mais precisas sobre este tema se encontram em Judith Butler (2003).

Lacan, um fenômeno da divisão entre o orgânico e o psíquico. Desejo é fenda, vácuo, um significante ausente que só aparece como algo que jamais poderia aparecer. O desejo escorre entre as frestas da linguagem, nos seus vazios e interstícios. O desejo é onde não está. Daí o controle. As técnicas de disciplina e controle do desejo fazem com que ele se realize na linguagem, tome corpo, então. Passe a pertencer a um sujeito que pensa, logo existe. O sujeito, portanto, cristaliza o desejo e passa assim a ter existência própria.

Para Guattari e Deleuze, há uma máquina que instrui e racionaliza o campo do desejo. Mas como o desejo não tem forma, ele é em si mesmo um elemento de transgressão. Por isso, a máquina desejante capitalista está sempre produzindo, induzindo e oferecendo meios para a conquista dos mais variados desejos. Dessa maneira, os dois autores discordam da ideia de desejo como repressão e campo unificado conforme elaborou Lacan¹⁶. Em sendo maleável e não tangível, o desejo rompe com os projetos da máquina desejante, pois poderá, muitas vezes, se voltar contra esta mesma.

A epidemia da AIDS serve como referência para observarmos na prática o controle dos desejos. O panorama da síndrome foi inicialmente retratado a partir dos problemas sociais associados à sexualidade, principalmente ao mundo homossexual¹⁷. A mídia popularizou a “peste gay”, somando-se a um campo discursivo que penalizava o desejo homo como responsável pelas mortes. Tomaram corpo nesse campo os discursos religiosos, os discursos moralistas e também os discursos científicos cujas pesquisas apontavam para uma infestação do vírus entre os gays, no início da síndrome, pelos idos dos anos 1980. A noção de comunidade de risco, de grupos de conduta de risco, trouxe à tona o desejo de controlar o desejo gay. Como cantou Cazuzza¹⁸, “o meu prazer agora é risco de vida”, a epidemia incide sobre os comportamentos e principalmente sobre o desejo gay. As referências tanto na mídia quanto nas primeiras campanhas alertavam para comportamentos ditos promíscuos e abertos, numa onda moralista pós movimentos de liberação sexual de Stonewall. A homofobia nesse momento toma corpo e tem sentido racional: o controle da peste. Só depois, pelo início dos anos 2000, a AIDS avança em grupos heterossexuais, fenômeno que, de alguma maneira, retira do campo das relações homossexuais o contágio, transmissão e infecção. No âmbito das DST, a AIDS foi o fenômeno que mais incidiu no plano dos desejos.

Para que o desejo seja circunscrito e classificado é preciso que se

¹⁶ Lacan elabora leis, como as propostas n’*O nome do pai*, 2005 e suas teorias sobre o significante.

¹⁷ Veja o capítulo Doença e Desejo, do livro *Uma interpretação do desejo* de John Gagnon.

¹⁸ Álbum *Ideologia*, na música de mesmo nome, de 1988.

estabeleça o que seria o desejo normal, o desejo padrão. E esse desejo padrão é o desejo heterossexual. As marcações de gay, lésbica, trans, inter, tão somente apontam para uma diferenciação em relação ao desejo heterossexual, denominado de exterior constitutivo por Beatriz Preciado (2011). Percebe-se, desse ângulo, que a produção discursiva em torno do desejo abarca uma série histórica bem complexa e longa, que não seria meu objetivo neste momento. No entanto, apenas para clarificar o tema, o desejo tem sido alvo de considerações filosóficas, religiosas e científicas. Interessa-me, neste momento, saber como o desejo toma uma forma acadêmica, pensada e ilustrada como algo sólido e unidimensional. A partir dos primeiros escritos de Freud, o desejo deixa de ser parte da dicotomia entre desejo e amor, sendo o desejo ligado à experiência carnal e o amor à experiência do sublime.

É com a introdução da psicanálise que o desejo parece encontrar um campo teórico específico¹⁹ em que a dimensão abstrata e a dimensão prática se reconhecem como mutuamente implicadas e como geradoras do que é propriamente entendido como desejo. Na medida em que Freud toma o desejo no plano terapêutico, ele o retira do campo da moral preconcebida. Apesar de ainda pertencer ao campo da moral, o desejo na psicanálise é uma produção da psique, envolvendo aspectos biopsicológicos, muito embora com um caráter essencialmente patológico. A concepção do desejo como falta, em Freud²⁰, transforma o sujeito num sujeito da incompletude e o próprio desejo como negatividade.

Lacan teoriza o desejo ainda como falta, que se expressa nas descontinuidades da consciência. Nas suas próprias palavras, desejo é tido como um querer-ser ou uma falta-a-ser (Lacan, 1979). Visto assim, o desejo é inquietude, faz com que o sujeito se realize, uma vez que está sempre buscando e sendo interdito, numa constante ambivalência. O desejo do homem é o desejo do Outro. Essa famosa afirmação lacaniana aponta para uma eterna insatisfação, pois esse outro, que é o inconsciente, permanece sempre opaco. Como consequência, o desejo nunca se concretiza na linguagem, mas apenas nas suas falhas, interstícios e fendas, ou seja, de tudo o que não pode ser representado pela linguagem. O desejo é recalque, o não dito, e o sujeito, por sua vez, a eterno buscador desse desejo.

Michel Foucault e Gilles Deleuze desconectam a teoria do desejo como negatividade, a partir da premissa que é a afirmação e não a negação que fundamenta o desejo. O desejo passa a ser uma atividade de produção e

¹⁹ Uma referência mais acurada é o livro de Laura Santos (1997).

²⁰ Reporto-me às referências presentes em Freud (1997,1999).

geração²¹. Segundo Judith Butler (1987), o desejo como afirmação em Deleuze advém da reconstrução da vontade de potência nietzschiana, posta a serviço de uma teoria de emancipação afetiva, diferente da concepção judaico-cristã de desejo como culpa.

Nessa concepção, o desejo é o que nos diferencia, nos torna ambíguos e ambivalentes. A lógica da Modernidade é a lógica da igualdade. Mas igualdade implica em mesmos desejos, em mesmos sujeitos e limpeza das diferenças. A dialética, pensada como campo da construção das diferenças, é negada. A postulação de um sujeito portador de uma identidade fixa é negada. As posições binárias de verdade e falsidade, aparência e realidade, objetivo e subjetivo, são também negadas. O desejo é a transgressão, a revelação das diferenças e a subversão da moralidade. Desejo é anarquia.

Queer e campo queer: pensando os referenciais metodológicos

Se o campo queer é um campo aberto e múltiplo, quais seriam os modelos de investigação que mais se aproximariam desses fenômenos?

Um grande problema nos processos de investigação dos fenômenos queer tem por base a linguagem heteronormativa frequentemente usada como suporte para a maioria das metodologias. A estrutura heteronormativa faz com que a heterossexualidade apareça como uma sexualidade sempre existente, natural, normal e pura. Isso implica numa tirania do desejo heterossexual. Como compreende sempre um binarismo, esse tipo de linguagem conforma ideias, instituições, sujeitos e corpos.

Certamente podemos fugir dessas armadilhas da linguagem ao percebermos como a sexualidade e até mesmo o gênero podem ser construções sociais. Vale lembrar Thomas Laqueur (2001), a partir das suas conclusões que até o século XVIII, apesar do avanço da ciência, para o senso comum na Europa, existia apenas um gênero: o masculino. Ao invés do gênero feminino, acreditava-se, sob óbvia influência aristotélica, que a mulher seria uma versão imperfeita do homem, uma vez que ambos teriam os mesmos órgãos genitais, mas no corpo feminino esses órgãos não se exteriorizavam. Dessa maneira, a Modernidade é estruturada a partir de uma linguagem que baliza as diferenças, nega as ambivalências e institui uma forma unidimensional de pensar o mundo e as criaturas.

Mas o campo queer é o campo das diferenças e das sinuosidades

²¹ Há toda uma crítica à categoria de negatividade do desejo formulada por Deleuze e Guattari (2010).

propriamente dito. Nega os binarismos. A lógica de operar em binarismos é o suporte da ideia de um sujeito concebido como norma, como indivíduo padrão, a partir do qual todos os outros seriam comparados. Por exemplo, o campo da Antropologia. Se pensarmos nas observações clássicas das chamadas “sociedades primitivas”, o olhar sobre este outro tinha por base as categorizações de natureza tais como a polarização hetero/homossexualidade²², percebendo os comportamentos “civilizados” (e também os desejos) como estáticos ou naturais, a partir de uma classificação que traz consigo o risco de projetar, nos sujeitos, distinções puramente nossas.

Os sujeitos não existem por si sós. Sujeitos são invenções discursivas. Nos seus escritos, Foucault (2006) problematiza as maneiras como o sujeito estabelece uma relação consigo, através de certo número de técnicas e regras – jogos de verdade – que o constituem como sujeito. Essa invenção não é dada casualmente. Ela é arbitrada por convenções, regras e consensos que definem, como uma enciclopédia, o que é o mundo à nossa volta. O sujeito é uma dobra de fora, na medida em que é uma construção de discursos que o definem, bem como sua forma de ação.

Esse conjunto de fórmulas é construído a partir de binarismos e de imposições que definem o que seria normal, correto, permitido, saudável, amparado por discursos científicos, religiosos, filosóficos. Tal conjunto é produzido nas instâncias produtoras de verdades – no nosso caso, os centros de produção científica – e distribuído por uma extensa rede de informação –, as grandes redes de informação midiática.

Certo que há um mal-estar entre a teoria queer, algumas tendências feministas e mesmo a teoria de gênero²³. Os pressupostos da teoria queer não sustentam a ideia de uma identidade de gênero anterior à sua criação pela cultura. A partir das ideias de J. Butler, o gênero é performance de gênero. São as performances que produzem as identidades que elas mesmas expressam. A performance é uma atuação nos corpos, busca nos corpos seus significantes. É desse modo que o discurso heteronormativo produz a homofobia, um espaço do não pertencimento do espaço social. Desde a vivência familiar, passando por instituições constitutivas do sujeito, como a escola, o indivíduo gay é tido, na maioria das vezes, como pervertido, promíscuo, impuro e desonrado²⁴. Os corpos são construídos a partir de uma performatividade que cristaliza o sexo nesses corpos. O gênero é uma mimese corporal que se institui através de um sem número de repetições de dados padrões os quais o

²² A este respeito veja Gilbert Herdt (2008).

²³ Lembro-me dos textos de Gayle Rubin (2011) e Marilyn Strathern (2006), que ajudam a pensar o debate sobre gênero.

²⁴ Seria uma boa leitura o texto de Gregory Herek (2004).

sujeito internaliza para existir. Esta internalização tem por objetivo tornar esses valores externos naturais. É essa performatividade que permite com que um corpo biologicamente masculino atue como feminino e vice-versa.

Na performatividade atua a investigação. A investigação não atua no sexo, nas verdades externas, constitutivas de valores “naturais”. Se a constituição do sujeito é uma dobra de fora, a orientação sexual passa a ser exercida de forma compulsória. Desde o mês no qual se pode detectar o sexo do bebê, a compulsoriedade sexual passa a atuar no corpo desse novo ser. A cor do quarto, as primeiras roupas, a escolha do nome, as preferências de masculinidade ou feminilidade das famílias dos pais, tudo isso e mais alguma coisa instituem um plano de desejos num ser que ainda nem veio ao mundo. Ao chegar, os processos compulsórios de educação familiar, da vizinhança, das redes de relacionamentos, da escola já definiram como o sujeito vai agir. Há um roteiro semiestruturado de ação, e poucos improvisos serão aceitos.

Clifford Geertz(1973) alertava bem sobre a ida a campo munido de categorias próprias. O investigador, segundo Geertz, deve experimentar uma imersão na cultura do outro. A Sociologia, bem como um vasto campo das Ciências Sociais, têm ainda pensado o mundo a partir das megacategorias e de metodologias clássicas já denunciadas por Paul Feyerabend²⁵ e sua epistemologia anarquista. Os argumentos de sua tese contra o monismo metodológico e a primazia do conhecimento científico sobre as demais formas de conhecimento ou visões de mundo impossibilitam uma visão mais ampla de um campo de investigação como o das atuações queer.

O debate metodológico no campo queer passa por uma negação dos preceitos tradicionais da investigação preconizados pelas Ciências Sociais²⁶. E até mesmo o “anthropological blues” e o “ser afetado” das novas etnografias ainda não são suficientes para romper com essa tradição metodológica e propor algo mais aberto, mas plástico em termos de observar o outro, principalmente o outro queer.

Uma suposta metodologia queer deve partir do pressuposto de que as identidades são sempre múltiplas, compostas por um número infinito de “componentes de identidade” – classe, orientação sexual, gênero, idade, nacionalidade, etnia etc. – que se podem articular de inúmeras formas, sob inúmeras subjetividades. Identidade é negociação de identidade. A identidade não é um dado *a priori*. Ela é pulverizada, opaca, fluida. A percepção da

²⁵ Vale a pena retomar Paul Feyerabend (1977), bem como a tese de doutorado de Jason-Mokrovich (2005), na qual ele discorre sobre a insuficiência da Sociologia contemporânea de atuar no campo queer.

²⁶ A este respeito ver Browne e Nash (2010).

identidade passa pela investigação dos vestígios de identidade. O que eu quero dizer com isso é que a identidade aparece na rede das negociações e das fronteiras²⁷. Como a identidade do sujeito não está dada, a busca do investigador é na performance de identidade. Dessa maneira o que se vê, na maioria das vezes, é uma sombra do que o outro é. A busca deve ser nas frestas, nas negociações, conflitos e acordos. Nos momentos de tensão, as identidades se constroem, se escondem, se adaptam e aparecem. A investigação deve ser, na maioria das vezes, nos silêncios, nos rastros, nas faltas que se apresentam nas falas, nos ditos, nos escritos. É bem comum nos textos acadêmicos de Sociologia e Antropologia o uso de entrevistas e a citação, às vezes longa e cansativa – o mito de deixar o nativo falar –, de tudo o que foi visto, ouvido e sentido. Não nego nada disto. Implico com a análise desses dados. Numa aproximação metodológica anarcoqueer, o princípio de análise é na falta da fala, na escassez dos gestos, nos rompantes e nas negações, principalmente quando o assunto é sexualidades. Os atos falhos, as contradições, os lapsos de memória, as mentiras são performances da linguagem para o outro se estabelecer naquele momento como um sujeito da normalidade, principalmente diante de um outro, de um outro estranho, este outro investigador.

Qualquer identidade construída – como, de resto, todas são – é arbitrária, instável e excludente, uma vez que implica o silenciamento de outras experiências de vida. Na verdade, a afirmação de uma identidade, em vez de constituir um processo de libertação, obedece a imperativos estruturais de disciplina e regulação que visam confinar comportamentos individuais, marginalizando outras formas de apresentar o “eu”, o corpo, as ações e as relações entre as pessoas. Steven Seidman formula esse pressuposto quando afirma que as identidades são, em parte, “formas de controle social uma vez que distinguem populações normais e desviantes, reprimem a diferença e impõem avaliações normalizantes relativamente aos desejos” (Seidman, 1996, p. 20). Portanto, resta ao investigador perceber como são construídas essas performances de identidade, buscando a trajetória de construção dessas subjetividades em relação ao tempo e espaço. A minha proposta recai numa cartografia das performances de identidade.

Ao invés de defender o abandono total da identidade enquanto categoria política, a teoria queer propõe que reconheçamos o seu significado permanentemente aberto, fluido e passível de contestação, abordagem que visa encorajar o surgimento de diferenças e a construção de uma cultura onde a diversidade é acolhida. Portanto, o papel individual – como forma de capacitação – e coletivo – em termos políticos, jurídicos e de reconhecimento social – que a identidade pode desempenhar não é rejeitado. A investigação

²⁷ Na concepção de Fredrik Barth (2000).

do campo queer, desse ângulo, passa pelo reconhecimento da diferenciação²⁸, da multiplicidade de papéis e topos nos quais navegam os sujeitos.

A teoria queer postula que a teoria ou política de homossexualidade centrada no “homossexual” reforça a dicotomia hetero/homo, fortalecendo o atual regime sexual que estrutura e condiciona as relações sociais ocidentais. Não só a dicotomia hetero/homo como quaisquer formas binárias de classificação. Nesse sentido, a teoria queer visa desafiar tal regime sexual enquanto sistema de conhecimentos que coloca as categorias heterossexual e homossexual como pedras angulares das identidades sexuais. De fato, a teoria queer considera a hetero e a homossexualidade como “categorias de conhecimento, uma linguagem que estrutura aquilo que conhecemos sobre corpos, desejos, sexualidades e identidades” (Schlichter, 2004, p. 560). A percepção se dá não nos corpos, mas nos processos de constituição desses corpos. Os corpos são formas externas da atuação do sujeito. Cristalizam, dessa maneira, desejos, repressões, valores e disciplinas. Os corpos são assujeitados a processos de ortopedia social. São montados para parecerem normais. Mas, como a sexualidade atua nos corpos, mas não necessariamente está nesses mesmos corpos, ela é uma fenda por onde escorre o desejo. Dessa mirada se percebe a incompletude da linguagem de significar os desejos. Nem todo o alfabeto seria capaz de dar conta das sexualidades, que são H, G, L, B, T, I...

Finalmente, o desejo volta à tona. A experiência de conviver com o campo queer é uma experiência escorregadia. Como nem sempre o que se diz é o que se deseja, a percepção do investigador deve levar em conta as armadilhas do desejo. Somente a partir da investigação sobre como se deseja historicamente é que podemos dar conta em parte das performances sexuais. Nesse percurso metodológico é preciso que se desconecte de vez a relação entre sexo, gênero e sexualidade. Ninguém nasce e morre com um só desejo. O desejo nos move, porém vive à espreita. Não tem lugar. O que pode investigar e perseguir são seus rastros, presentes nas diversas posições que o sujeito assume nos seus diversos trajetos. O desejo está no sujeito, mas não está. Este é o paradoxo que elimina as tradicionais metodologias. O desejo é da ordem do efêmero, da incompletude e da ausência. Ele é o rastro da neve dos passos do assassino d’*O Nome da Rosa*, de Umberto Eco. É a suposição do nome do cavalo perdido do abade visitado por Guilherme de Baskerville²⁹.

²⁸ Na acepção de *différance* de Jacques Derrida

²⁹ N’*O Nome da Rosa*, logo ao adentrar nas cercanias da abadia, o monge Guilherme de Baskerville auxilia na busca do valioso cavalo do abade. Através de deduções, chega a apontar o caminho tomado pelo animal em fuga. Mas seu discípulo, Adso, o questiona sobre como ele poderia saber o nome do animal. Responde-lhe o astuto franciscano que há coisas que não são exatas, mas que podem ser deduzidas pelas suposições e marcas, como o nome do cavalo.

A heterossexualidade é o discurso homogêneo do desejo. Eu desejo um eu mesmo que não há em mim. O desejo cessa o descanso. A análise é feita na atuação performática veiculada pelas práticas sexuais. O corpo é o local de estacionamento desses vários momentos de desejo. No corpo se incrustam os desejos. Para isso, será preciso também uma reorientação nos processos de descrição da realidade investigada. Deixar com que as categorias apareçam de maneira fluida e, muitas vezes, contraditória. A linguagem deve ser, portanto, alterada em seus constituintes. É difícil, porém não impossível, fugir de categorizações binárias num campo que não é necessariamente binário. Vejam o nó em Freud, por exemplo, e em várias teorias sobre a bissexualidade. O problema não é da ordem dos desejos, mas da ordem da descrição, da linguagem. Como a bissexualidade – além de outros fenômenos da sexualidade – passeia de um polo a outro, a indefinição enferruja a lâmina certa das classificações. Poderia existir um sujeito partido que desejasse meninos e meninas ao mesmo tempo? É o crossdresser um homossexual por gostar de se vestir de mulher? O gay passivo na relação sexual está mais para um feminino? Todas estas posições põem em cheque as teses majoritárias sobre o repositório unidimensional do desejo. Diz-se algo e pratica-se outra coisa. As últimas investigações de Foucault em grupos SM³⁰, por exemplo, o conduziram a esse tipo de questionamento.

Sexualidade é performance, é exercício do desejo, não se aloja num só sexo, mas em todos; não nasce de identidades, mas as cria; não é classificatória, mas indicativa. Para uma investigação no campo das sexualidades queer, uma posição de fluidez também deve conduzir a observação, as constatações, os sujeitos. Uma metodologia anarquista não significa a total inexistência de um método a seguir. Antes, ela aponta para um conjunto de ferramentas, as quais devem ser renovadas, afiadas para ser usadas na medida certa. Nada de manuais com fórmulas prontas. A metodologia anarcoqueer é a caixa de ferramentas de Deleuze. Os métodos de investigação tradicionais prendem-se à apreensão exata ou compreensiva do real instituído e se organizam no espectro da reprodução buscando leis explicativas, o retrato da estabilidade, das normas e da conservação das identidades desveladas. Forma de agir e pensar, modos de ser e experiências do viver não têm método próprio.

A metodologia anarcoqueer lida com táticas, com fluxos desejantes, com estratégias do sujeito e seu desejo. Cada investigação é singular. Assim, o método é construído nessa singularidade e só serve naquele momento. Não se difunde em manuais, mas tão somente na descrição daquela investigação. É híbrido e provisório. É uma afetação pelo outro e o deixar-se ser afetado. Um

³⁰ Principalmente em *Ética, Sexualidade, Política*, 2006.

método nu. Visa perceber as ressonâncias e as dobras, as superfícies estriadas e os contornos. Abre-se ao acaso, ao inusitado e ao não-dito. É assistemático e desprovido de metacategorias, pois que não se pode perceber o rizoma original dos fenômenos. Do rizoma só se sabe das suas emergências. A investigação é cartográfica, é um mapa único desenhado a partir de rastros e visão do investigador e seus mitos e medos. Uma poética do delírio do real.

*Todo beijo, todo medo
Todo corpo em movimento
Está cheio de inferno e céu
Todo santo, todo canto
Todo pranto, todo manto
Está cheio de inferno e céu
(...)
Todo homem, todo lobisomem
Sabe a imensidão da fome
Que tem de viver
Todo homem sabe que essa fome
É mesmo grande
Até maior que o medo de morrer
(...)
A gente não sabe o lugar certo
De colocar o desejo³¹*

Recebido em 30/01/2012. Aprovado em 15/03/2012.

³¹ Caetano Veloso, *Pecado original*, op. cit.

Referências

- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: _____. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BROWNE, Kath; NASH, Catherine. **Queer Methods and Methodologies**. Intersecting Queer Theories and Social Science Research. Brighton: University Press of Brighton; Vancouver: Brock University, 2010.
- BUTLER, Judith. **Subjects of desire**. Nova York: Columbia University Press, 1987.
- _____. **Undoing gender**. Nova York: Roudledge, 2004.
- _____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAZUZA. **Ideologia**. São Paulo: Universal Music, 1988. CD.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**. Capitalismo e esquizofrenia. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Trad. de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu**, n. 28, pp. 285-312, jan.-jun. de 2007.
- FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Trad. Octanny da Mota e Leônidas. Hegenberg, 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais**. Trad. Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. Ética, Sexualidade, Política. Ditos e escritos V. Organização Manoel de Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- _____. **O poder psiquiátrico**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **História da sexualidade**-A vontade de saber. V. 1. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. V. 11. Coordenação da tradução Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- _____. **A interpretação dos sonhos**. 8. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- GAGNON, John H. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- GAY, Peter. **A educação dos sentidos**. Trad. Pat Salter. São Paulo: Companhia das Letras: 1988.
- _____. **O cultivo do ódio**. Trad. Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. **Guerras do prazer**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas**. Trad. não informado. São Paulo: LTC, 1989.
- GUATTARI, Félix. **O inconsciente maquínico**. Trad. Constança Marcondes César e Lucy Moreira César. Ensaios de esquizoanálise. Campinas: Papirus, 1988.
- HALBERSTAM, Judith. Imagined Violence/queer violence: representation, rage and resistance. **Social Text**, Columbia University, n. 37, pp. 187-201, Winter 1993.

- HECKERT, Jamie; CLEMINSON, Richard. **Anarchism & Sexuality: Ethics, Relationships and Power**. Londres: Routledge, 2011.
- HENRY, Astrid. **Not my mother's sister: generational conflict and third-wave feminism**. Bloomington: Indiana University Press, 2004.
- HERDT, Gilbert. **Ritualized Homosexuality in Melanesia**. Berkeley: UCA Press, 2008.
- HEREK, Gregory. M. Beyond "homophobia": Thinking about sexual prejudice and stigma in the twenty-first century. **Sexuality Research & Social Policy**, v. 1, n. 2, pp. 6-24, 2004.
- LACAN, Jacques. **O seminário**. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trad. M. D. Magno Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista. In: _____. **Escritos**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, pp. 865-. 868.
- _____. **Nomes-do-Pai**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**. Corpo e Gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.
- MOKROVICH, Jason T. **On a Discursive Conversation between Queer Theory and Sociology**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Department of Sociology, Anthropology and Applied Social Sciences, University of Glasgow, UG, 2005.
- PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contra sexual**. Madri: Anagrama, 2011.
- RUBIN, Gayle S. **Deviations: A Gayle Rubin Reader**. Durham: Duke University Press Books, 2011.
- SANTOS, Laura F. **Pensar o desejo: Freud, Girard e Deleuze**. Braga: Universidade do Minho, 1997.
- SCHLICHTER, Annette. "Queer at Last". Straight intellectuals and the desire for transgression, GLQ. **A Journal of Gay and Lesbian Studies**, v. 10, n. 4, pp. 543-564, 2004.
- SEIDMAN, Steven. **Queer Theory**. Sociology. Oxford: Blackwell, 1996.
- STRATHERN, Marylin. **O gênero da dádiva**. Campinas: Unicamp, 2006.
- VELOSO, Caetano. **Pecado original**. Philips, 1978. Compacto simples.